

## **SHIGUIONOT<sup>1</sup> (FANTASIAS), DE ELISHEVA**

### **SHIGUIONOT (FANTASIES), BY ELISHEVA**

Flávia Fridman Nesharim \*

**Resumo:** Uma pioneira da literatura hebraica, poetisa, russa, cristã, que escreveu em hebraico, Elisheva trata em seu conto Shiguionot (Fantasias) sobre o confronto feminino interno entre o anseio por ser livre em nossas escolhas, em nosso agir e pensar, e a necessidade social do matrimônio e a consequente estabilização da mulher e do seu interior. Esse é o segundo conto traduzido, de uma série de três, com a temática *mulheres pioneiras na literatura hebraica que escreveram sobre o feminismo no final do século XIX e início do século XX*.

**Palavras-chave:** Literatura Hebraica. Pioneiras. Feminismo. Elisheva.

**Abstract:** A pioneer of the Hebrew Literature, a Russian-Christian poet who wrote in Hebrew, Elisheva deals in her short story Shiguionot (Fantasies) about the internal feminine confrontation between the yearning to be free in their choices, acting and thinking, and the need of marriage and the consequent stabilization of the woman and her interior. This is the second translated short story, in a series of three, with the theme of *women pioneers in Hebrew Literature who wrote about feminism in the late 19th and early 20th centuries*.

**Keywords:** Hebrew Literature. Women Pioneers. Feminism. Elisheva

Ielizabeta Ivanovna Zhirkova-Bychowski, conhecida pelo pseudônimo Elisheva, foi uma escritora, poetisa, na Rússia e na Terra de Israel. Nascida na Rússia, em 1888 de uma família cristã, ela estudou em um ginásio para moças em Moscou e, mais tarde, fez cursos de pedagogia através da Associação de Educadoras e Professoras, formando-se em 1910. Em paralelo começou a se interessar pelo hebraico e pelo yiddish por intermédio de amigos judeus. Fez traduções do hebraico para o russo e logo começou a escrever poesias em hebraico. Conheceu o editor e jornalista judeu Shimon Bikhovsky, os dois se casaram e imigraram para

---

<sup>1</sup> ELISHEVA. *Shiguionot*. Project Ben Yehuda. Disponível em: <<https://benyehuda.org/read/16473>>. Acesso em 23/06/2022.

\* Bacharela em História do Povo Judeu e Estudos Bíblicos pela Universidade Hebraica de Jerusalém.  
E-mail: <[flafrid@gmail.com](mailto:flafrid@gmail.com)>.

a Palestina em 1925. Em suas histórias, destaca-se o desejo de falar sobre o elemento nobre da vida e de descrever o que há de bom e de excelente no indivíduo. Em 1932, quando seu marido morreu repentinamente, ela ficou sozinha com a filha de 8 anos, e passou a ter dificuldades para se sustentar. Elisheva morreu aos 60 anos em 1949 em Tiberíades, para onde se mudou para curar sua artrite. Morreu sem nunca ter se convertido ao judaísmo.

### ***Shiguionot (Fantasias)***

#### **1**

Os dois andavam ao longo do bulevar da floresta, banhada pelos ardentes raios de sol do mês de *Tamuz*. Robustos pinheiros os acompanhavam nas laterais como dois muros verde-escuros, e o ar, repleto do seu cheiro especial, um cheiro quente e pesado. Nas alturas, no pedacinho de céu acima do amplo bulevar, pairavam sem movimento, num mar turquesa congelado, nuvens brancas sonhando - um símbolo silencioso, testemunha de que todo o universo cochila sob o peso do calor do meio-dia.

Eles caminhavam lado a lado sem olhar ao entorno, sem perceber a beleza serena ao seu redor. Ele - alto e esguio, suas costas ligeiramente curvadas, e seus longos braços e pernas a mover-se em velocidade estranha e desnecessária. Uma mecha de cabelo cinza escuro caía na sua testa sob a aba de um chapéu de palha usado, puxado para trás; e ela - pequena e magra, de cabelos curtos e encaracolados, seu rosto bronzeado sério demais para a sua idade, vestia uma camisa branca e um vestido azul curto, já pequeno nela. E a aparência dos dois não combinava de forma alguma com o ambiente iluminado e repleto de silêncio, mas eles não repararam nisso.

- Sabe, David Lazarevich - eu sempre tive uma sensação desagradável ao ler Dostoiévski, eu não desfrutei dos seus livros. E agora eu entendo por que...e mesmo assim, como é difícil acreditar que um escritor genial e grande artista como ele, que inspirou toda uma geração na Rússia, poderia ser um antissemita tão amargo, simplesmente um antissemita da pior espécie... Essas coisas foram ditas muito a sério e com um entusiasmo contido, como Liuba sempre fazia quando falava com David Lazarevich Zelikowicz.

O discurso de Zelikowicz sobre Dostoiévski e seu antissemitismo se prolongou até eles chegarem ao final do bulevar e se aproximarem da estrada de ferro que passava pela floresta.

Haviam algumas vigas de madeira grossas, que certamente seriam utilizadas como postes telegráficos, apoiadas ao lado do trilho, e sobre elas sentaram-se para descansar.

- As coisas são assim, Liuba - falou simplesmente Zelikowicz, sem nenhuma intenção clara. As faces de Liuba coraram de repente, como todas as vezes que se dirigiu a ele com alguma pergunta sobre um tema não cotidiano, que eram em sua maioria os assuntos de suas conversas.

- David Lazarevich, por que quando pergunto algo desse tipo David fala comigo e tem muito a me dizer...como se ele também tivesse pensado muito sobre tudo isso e tudo lhe interessasse, como a mim?...Os outros não são assim. Essas coisas não lhes interessam nadinha...por que será?

Zelikowicz riu e, com a risada, seu rosto se tornou inocente e adorável, como o rosto de uma criança. E quanto à Liuba, suas faces coraram ainda mais, até que lágrimas surgiram em seus olhos.

- Juro pela minha vida, eu não sei! Pode ser porque eu estive muito tempo distante e afastado do mundo, quando estive na *yeshiva*<sup>2</sup> - e agora a vida me interessa tanto, em todos os seus fenômenos. Para mim, ela ainda não perdeu o seu sabor...eu acredito que todos nós somos assim - o povo da cidade.

Liuba conseguiu superar o seu constrangimento e disse calmamente, com voz baixa e olhar sonhador, como se falasse consigo mesma: “eu gostaria de ter nascido lá...”

Ao longe, no emaranhado da floresta, se ouvia o cuco de um pássaro contido e monótono. Ilhas de nuvens pairavam no mar dos céus, o sol brilhava, uma leve brisa soprava pelos trilhos e as muitas flores, que floresciam na encosta do morro, curvavam suas cabeças em sua reverência. E os dois jovens sentaram-se sobre as vigas de madeira e enredaram-se novamente em conversas sobre coisas sem importância, e não tinham vontade de se mover de lá.

## 2

Na mesma hora saiu Marússia, a irmã mais velha de Liuba, ao pequeno jardim em frente à casa de veraneio. Seu rosto estava ardente e seus cabelos bagunçados, pois acabara de ajudar sua

---

<sup>2</sup> Instituição religiosa de estudos de textos judaicos, principalmente o Talmud.

mãe na cozinha com a preparação da geléia. Ela foi até o canto do jardim, onde ficavam arbustos de Acácias que formavam uma espécie de cabana sobre um banco solitário, sentou-se e retirou do bolso do seu avental uma carta dobrada e toda amassada. Essa, uma carta do seu noivo, estudante que viajou para sua cidade natal encontrar-se com seus pais nas férias.

Com um prazer especial, sem ser vista, releu as palavras da carta, palavras de afeto e amizade, em que sua nova e futura vida, ligada em sua imaginação com a figura do seu noivo, a espiavam em cada linha da carta. Contudo, passou uma sombra pelo seu rosto, e suas sobrancelhas se uniram numa expressão de relutância e irritação. Continuou a ler:

“...e quanto ao tal jovem, vou direto ao ponto: não é nada decente que ele fique indo e vindo da casa de vocês todos os dias. Deus me livre eu suspeitar de você, minha querida: eu sei que você não é precipitada e não permitirá que nada desnecessário aconteça no relacionamento de vocês. Porém não se pode esquecer que você tem uma irmã menor...”

Marússia cerrou os olhos e em sua imaginação surgiu flutuando, bem vívido, o rosto do seu noivo, geralmente bem sério e às vezes também carrancudo, com uma ruga profunda na parte de trás do nariz. Muitas vezes teve que ouvir dele críticas e repreensões por sua impulsividade imaginária, ela sofreu bastante com suas suspeitas exageradas, e às vezes se rebelou contra ele com toda a força da sua jovem alma. Mas agora que ele estava distante dela, se embaçou o sentimento de insulto e revolta e restou apenas o agradável reconhecimento, por orgulho, de que ele - um homem esperto e experiente - acreditava e confiava nela, e ela deveria responder à sua confiança e mostrar-lhe que ela já não era mais aquela colegial inexperiente que fora quando o conheceu no ano passado. Ainda assim, a expressão de relutância não abandonou completamente o seu rosto: a questão diante dela era muito grave e complexa.

Ela ouviu a voz da mãe chamando-a da varanda. Dobrou novamente a carta, guardou-a no bolso e foi para casa.

A Senhora Luria, cansada e agitada pelos trabalhos na cozinha, sentou-se, respirou pesadamente e passou o pano no seu rosto ardente.

- E então, Marússia? Está na hora de pôr a mesa, acredito eu. Já deve ser quatro horas...

- Não tem ninguém em casa, mãe!

A Senhora Luria suspirou e balançou a cabeça.

- Eu não sei o que fazer com esses meninos...eles foram novamente pescar no rio o dia inteiro, e o fato de sua mãe ficar em casa preocupada - não lhes importa! Desde que voltem para casa na hora certa...e Liuba, onde está?

- Certamente foi passear com David Lazarevich\_Zelikowicz - respondeu Marússia com um sorrisinho que sugeria algo.

- Isso também é uma questão! Caminhar o dia todo sozinha com um homem estranho...embora ainda seja jovem, mas mesmo assim...

- O que você acha, mãe? Pode ser que ela tenha algum interesse aí, mais do que você pensa...o que você diria, por exemplo, se numa bela manhã viesse David Lazarevich\_Zelikowicz pedir “a mão dela e o coração dela”?

A Senhora Luria se abalou muito.

- O que você está dizendo, Marússia! Será possível? Ela é uma menina...

- Mesmo assim, mãe...ela é uma menina ao nosso ver, mas não aos olhos de outros. Ela tem quinze anos...

A mãe se exasperou mais ainda, até que se levantou e quase gritou agitando suas mãos:

- Cale-se ingênua! Você só quer me irritar! E daí se ela tem quinze anos? Ainda assim seria possível que ela entregasse seu coração a esse...esse...o indivíduo não tem nem um par de calças inteiro, com todo o respeito!

- Nessa idade não se leva em conta essas coisas - observou Marússia em voz baixa.

O tempo todo ela se apoiou no pilar do corrimão, seus olhos cabisbaixos, olhando para o chão. Como se tivesse vergonha de olhar diretamente nos olhos da mãe, conhecendo sua real intenção, oculta atrás de suas palavras.

A Senhora Luria sentou-se novamente na cadeira, sua exaltação diminuiu de repente, e com voz fraca e chorosa disse, como que implorando:

- O que fazer, Senhor do Universo, o que fazer?

Marússia encolheu os ombros.

- Ouça, mãe. Talvez eu tenha te irritado e tirado o seu sossego em vão. Esse é apenas o meu palpite. Pode muito bem ser - quase sem dúvida - que a Liuba não faça ideia de nada disso, e os dois se contentem com um “amor juvenil” sem resultados.

Mas a mãe não se acalmou.

- E isso lá é bom, garota ingênua? Uma menina como ela se apaixonar, e sofrer, e partir seu coração por um homem desses?...sofrimento em vão - o que te parece?

- Mas e o que você vai fazer?

A Senhora Luria não ouviu e continuou a sua divagação:

- Não posso dizer nada contra ele: um jovem agradável, e até que não perturbou a paz da casa...mas agora é preciso pôr um fim nisso. Ah se o Isaac estivesse aqui! Então ele não viria tanto aqui...não se sentiria bem vindo...

- Ele poderá sentir isso mesmo sem ele - observou Marússia e passou para dentro de casa. De lá se ouviu sua voz junto com os ruídos das tigelas e dos utensílios que retirou do armário:

- Eu também estou farta de sempre ouvir moral por causa dele. Eu me calei por muito tempo... Um aborrecimento contido se ouviu na sua voz, e não era evidente se ela estava brava consigo mesma ou com outra pessoa.

Zelikowicz foi ao concerto organizado pelo teatro do parque de veraneio vizinho. Marússia foi passear com os vizinhos, cuja filha ela ajudou com as provas de outono. Liuba ficou sozinha ao pôr do sol, no crepúsculo do jardim.

Ela caminhava de um lado para o outro, seu coração e seu cérebro cheios de pensamentos inconcebíveis e sentimentos ocultos. Surgiam, uma atrás da outra, imagens do que lhe contara seu constante companheiro de conversas desse verão: jovens indo ao *cheder*<sup>3</sup> numa fria manhã de inverno, ainda no escuro, e pequenas lanternas nas suas mãos: ele próprio, em seu tempo, ia para o *cheder* dessa forma. Jovens sedentos de educação e cultura sentados apertados em uma sala escassa, sem uma peça de roupa inteira para seus corpos vestirem e sem um pedaço de pão para suas bocas, passando as noites em extasiadas discussões sobre assuntos que estão no topo do mundo; ele também vivia dessa forma. Eram terríveis as desordens e os encontros secretos dos jovens hebreus - cada um com uma arma na mão - organizando a “auto-defesa”; vagando por cidades, reuniões noturnas em cafés de escritores e artistas...imagens, também, de uma terra distante, uma terra de lenda, sonho e realidade tudo junto, com seu sol escaldante e suas vidas estranhas, e os acampamentos dos jovens que davam suas almas pelo renascimento da pátria... toda essa mistura de coisas novas e surpreendentes que de repente entraram em seu mundo...

E foram tecidas em sua imaginação imagens ainda mais confusas e inexplicáveis, repletas de uma doçura alheia: então chega o dia em que ele se aproxima dela e diz - “Liuba, vamos viajar juntos...” - para onde? - para lá, para a tal terra de maravilhas? - a resposta ela não sabia. O principal eram as palavras ditas com uma voz branda, muito amável. O resto do sonho se encobriu de névoa. E mais: num crepúsculo, como esse, os dois sentados no jardim e ele lhe dizendo - “Liuba”... ela não conseguiu acrescentar nenhuma outra palavra à sua imaginação. Contudo, isso bastava: “Liuba”...

Mas, não! Ela não tinha interesse nessas bobagens. Não pediria prazeres e satisfação para si mesma. Ele seria seu professor e mestre, um guia, e em seu percalço ela seguiria com fé e auto-sacrifício. Até mesmo a profunda gratidão em seu coração ela não lhe expressaria... poderia ser que viesse a dizer-lhe, algum dia, apenas uma vez: “Obrigada por me mostrar...”

---

<sup>3</sup> Escola primária tradicional onde se ensinam os princípios do Judaísmo e Língua Hebraica.

Dessa forma caminhava e sonhava, até que escureceu e pela cerca do jardim ouviram-se vozes - a voz de Marússia e da tal vizinha de ossos largos que às vezes vinha à casa delas beber um chá no entardecer. Então Liuba afastou os pensamentos chulos e foi para a varanda, cuidar da preparação do chá. Porém seu rosto ainda estava concentrado e suas ponderações distantes de tudo ao seu redor.

Ao mesmo tempo, também passeava Zelikowicz no bulevar que contornava o comprido edifício de tábuas - o teatro de verão. Próximo ao edifício caminhava uma grande multidão e murmurinhava à luz de lanternas elétricas, grandes e redondas, semelhantes a luas cheias. Nos cantos mais afastados, no escuro, se sentavam nos bancos alguns casais. Ouvia-se sussurros e ruídos indistintos. Ao passar Zelikowicz e sua acompanhante pelo bulevar, seu rosto, na escuridão, parecia uma mancha cinza-esbranquiçada; seu casaco preto se encobriu no escuro e ficaram brancas apenas suas mãos e a sombrinha branca que carregava.

Quando passaram novamente pela praça iluminada e ruidosa, a moça disse:

- Eu não suporto essas lanternas. Elas possuem uma luz morta, branca e fria, como a própria morte. Você não acha?

Zelikowicz olhou de lado ao seu rosto florido e arrogante, com uma camada de maquiagem, e fez com as mão um movimento que não possuía nenhuma intenção perceptível.

- E especialmente - acrescentou a moça - ficam repugnantes aqui, nas proximidades da aldeia. Observe: essas árvores, tão escassas e desprezíveis à luz das lanternas. A luz morta as mata e retira toda a graça delas. O lugar delas é na floresta, no escuro misterioso, ao ar livre, aí estariam compatíveis e belas...não acha?

Zelikowicz respondeu, e sua voz saiu um pouco rouca, como se lhe fosse custoso falar:

- Você gostaria de estar ali agora, na floresta, ao ar livre, onde ninguém nos veja ou escute - em vez de caminhar aqui perto da multidão?

- S-i-m - respondeu com uma voz prolongada, como se estivesse desfrutando de um pensamento que não foi dito.

Distantes da multidão, voltou Zelikowicz a falar:

- O amplo céu com seu exército de estrelas, com sua eterna luz e amparo...o céu que tudo sabe, que tudo perdoa, que conforta e acalma a alma solitária...como anseia a alma pelo seu consolo!

- Esse anseio, aparentemente, é um estado normal da sua alma - falou esta com uma pitada de deboche - mas, será que David Lazarevich pensa que encontrará o conforto e o descanso estando lá sozinho, sem quem o veja ou escute?...

- Não sozinho - respondeu Zelikowicz com uma voz fraca e silenciosa.

- Então...?

- Toda alma solitária deseja uma outra, capaz de entender e atenuar o sofrimento de sua solidão...

- Será mesmo? David Lazarevich é feliz de fato; ele não possui tal alma...

E ao ver que Zelikowicz se calou por um leve constrangimento, perguntou:

- E Liuba? A inteligente Liuba, para quem você me pediu emprestado o livro de poemas de Heine?

- Liuba? Liuba nada mais é que uma jovem muito simpática, com quem é muito agradável conversar e desenvolver sua mente jovem. Você não compreenderia todas as complicações da sua alma, a sua grande sede...

- E ainda assim, confesse - perguntou com uma risada provocadora - você não teve a oportunidade de beijá-la uma ou duas vezes?

Nesse momento eles entraram novamente na escuridão. Não havia ninguém à volta deles. De repente segurou Zelikowicz a mão da moça e a pressionou contra seus lábios num movimento rápido.

- Chega...chega, Olga! Basta de falar na Liuba. Veja, sua mão eu beijarei e voltarei a beijar, sua mão pequena, delicada, suave... Olga minha querida!

- Louco!...

Mas apesar do tom de raiva que deu em sua voz, não se apressou em afastar a sua mão dos lábios dele.

#### 4

Liuba estava sentada em seu quarto, ocupada com algum trabalho manual. Como em tudo o que fazia, aparentava estar totalmente concentrada e apegada ao trabalho. Mas na realidade só parecia que estava trabalhando, ao mesmo tempo estava imersa em suas divagações e também escutando, sem ter escolha, às vozes que vinham do outro lado da parede.

O dia estava nublado e chovia constantemente. E à medida que o dia terminava a luz ficava mais escura, e ela mal conseguia continuar o seu trabalho. No quarto ao lado estavam Marússia e Zelikowicz jogando xadrez. Suas vozes se ouviam abafadas, e mesmo assim cada palavra se ouvia claramente. A casa estava em silêncio absoluto.

Pela manhã chegou uma carta de Isaac, o noivo de Marússia, avisando que ele chegaria em uma semana. E quando apareceu Zelikowicz, pela tarde, na varanda, como de costume, Marússia o recebeu com uma cara zangada e uma frieza que beirava a falta de educação. Porém, após algum tempo passou a impressão desagradável do primeiro momento, e agora os dois sentavam, aparentemente, apaziguados e em perfeita amizade; mas algo ficou no coração de Liuba daquele momento de desconforto, e isso despertou nela uma longa linha de pensamentos de preocupação e apreensão.

Do Isaac ela não gostava muito. Ela tinha uma admiração por ele, como a um homem sério e mais vivido que ela, que em breve se tornaria um membro da família. Mas havia uma coisa que ela não podia suportar e perdoar, algo que ela não compreendia: o seu ciúmes sem limites por Marússia. A seu ver, ela própria nunca cederia às exigências ridículas e às loucuras, como sua irmã cedia a elas. Mas com o passar do tempo, ela sentiu que a coisa não era tão simples, como lhe pareceu a princípio; porque havia uma força que obrigava a sua irmã a essa, na sua opinião, estranha e desprezível submissão, e seu coração se encheu de compaixão por ela. E agora, ao

pensar na vinda iminente de Isaac e imaginando o primeiro encontro entre ele e Zelikowicz, não pôde evitar uma sensação antecipada de enjôo e ofensa. Afinal, a Marússia já havia passado por alguns episódios, justamente por sua causa, antes mesmo de saírem da cidade...

Novamente insultos gratuitos e angústia à Marússia - pensou consigo - um sofrimento tão inútil...

E uma decisão orgulhosa e vigorosa nasceu em seu coração e cresceu, e a dor da decisão em si era agradável para ela...

Do outro lado da parede veio a voz de Zelikowicz. Ele já tinha esquecido completamente a frieza da recepção de apenas algumas horas atrás e estava com muito bom humor.

- Aha, aha! Aparentemente eu ganhei de novo! O que você dirá sobre isso, senhorita? E depois de um curto silêncio:

- Assim? Muito bom! E nós, assim! E agora? O que você vai fazer nessa situação?

Mais um momento de silêncio.

- Não, não Marússia Grigorievna! De mim você não escapa! E aí - você reconhece a minha vitória?

- Você venceu - respondeu Marússia rindo e empurrou o tabuleiro de xadrez.

- Claro que eu ganhei! - riu Zelikowicz com grande prazer - você queria competir comigo? primeiro cresça e fique um pouco mais inteligente...

De repente se ouviu a voz de Marússia, que se transformou e recebeu um tom de secura e raiva:

- Então se eu sou burra a seu ver, por que você continua a vir aqui passar o seu tempo na nossa casa?

- O que você quer dizer...?

- Muito simples. Você me despreza e não acha que eu tenho intelecto o bastante, nem para jogar contigo xadrez? Se é assim, diga logo e...

- Mas em nome de D'us, Marússia Grigorievna! Não havia nenhum insulto nas minhas palavras. Não era a minha intenção...

- Não era a sua intenção? Então você tem que ter cuidado com o que diz. Essa não foi a primeira vez que eu ouvi da sua boca gracejos desse tipo. Tudo tem seu limite, David Lazarevich.

Liuba, sentada no seu quarto, ouviu tudo, e suas bochechas coraram de exaltação. Ela entendeu a intenção oculta nas palavras da irmã e se envergonhou dela.

“Por que humilhar a si mesma?” - pensou - “Cabia a mim, e não a ela: suas visitas eram para mim...e eu não deveria entender sua situação e compartilhar da sua dificuldade?”

Zelikowicz caminhou de um lado para o outro e gaguejou alguma coisa por seu constrangimento. Depois se esforçou em acalmar a Marússia, e falou em tom natural, como se nada tivesse acontecido:

- Bom, chega, Maria Grigorievna querida! Me perdoe por favor, se eu não fui cuidadoso com as palavras. Certamente você não vai me expulsar por uma ofensa dessas?

E a voz seca de Marússia respondeu:

- O que eu disse está dito...

E prevaleceu um duro silêncio.

De repente, como que arrependido, Zelikowicz abriu a porta da varanda e saiu sem dizer uma palavra. Em seguida saiu também Marússia, para o interior da casa. O coração de Liuba parou por um instante de bater e escutou: ela ouviria o som de passos descendo as escadas e se afastando?

Porém não ouviu os passos: pelo visto, Zelikowicz ficou parado na varanda. Então ela se levantou e saiu também. Ele estava de pé no degrau superior, agarrado em algum pensamento, e seu rosto pálido na penumbra, e com uma expressão de insulto e confusão.

- Você escutou? - se dirigiu a ela após um silêncio momentâneo.

Liuba estava ao lado do corrimão, um pouco afastada dele e sem virar seu rosto em sua direção.

- Eu tenho algo para te dizer, falou por fim.

- O que?

- De fato, você não deve mais visitar a nossa casa... não precisa... David Lazarevich... eu te peço...

- Você? Você também, Liuba? Mas o que eu fiz afinal? Do que sou culpado?

- Você entenderá sozinho... não está certo... Marússia... é difícil para ela... é preciso entender e ceder...

Zelikowicz deu alguns passos pela varanda.

- Eu não consigo entender! Estava tudo bem e perfeito, e de repente - ah você! Os nervos de Maria Grigorievna estão muito irritados, ao que parece; mas você...eu não esperava por isso.

- Mesmo assim... eu te peço...

- E tudo porque eu não fui cuidadoso com um gracejo em um jogo? Você quer que eu acredite nisso? - Liuba? Diga-me - o que está por trás disso?

- Nada... não vou te contar.

Zelikowicz caminhou novamente e parou atrás dela.

- Você realmente quer que eu pare de vir aqui?

Ela ficou olhando com um olhar vazio para a escuridão que se alastrava pelo jardim. Depois falou com seriedade e um vigor especial:

- Sim. Essa é a minha vontade.

Zelikowicz saiu com passos rápidos em direção à escada; mas outra vez se deteve e perguntou:

- Está claro que eu incomodo alguém aqui. É uma pena que eu não tenha percebido isso antes: eu sou culpado... mas você, Liuba - não havia um conflito entre nós, eu acho? Você não gostaria de me ver... se encontrar comigo?

Liuba ficou chocada, mas respondeu imediatamente com pressa e uma voz de falsa confiança:

- Isso também não será possível...

Como se temesse que ele voltasse a falar, e ela não conseguisse encarar suas palavras, apressou-se a dizer:

- Estou com mais alguns livros seus... não consegui terminá-los, vou enviá-los depois pelo Sasha...

-“Devolução de cartas” - comentou Zelikowicz ironicamente, e ao descer as escadas acrescentou com um suspiro de simplicidade e tristeza: mas é melhor não... adeus Liuba!

- Adeus, os lábios de Liuba sussurraram, por si próprios, a palavra usual de despedida, sem reconhecer a incompatibilidade do momento.

## 5

Isaac chegou depois de uma semana e pouco, e a casa se encheu de agitação e movimentação. Todos tinham algo a dizer, tudo era assunto seu e sua voz segura se ouvia toda hora por todo lado. De Marússia exigiu um relato detalhado de tudo o que fez e de todos os acontecimentos em sua vida no tempo em que se ausentou; com a Liuba ele brincou e zombou do seu “idealismo” fantasioso; para as duas crianças ele discursou sobre moral e conversou por longas horas com sua futura sogra sobre seus planos e ideias quanto ao arranjo de sua vida com a jovem esposa.

O nome de Zelikowicz nem foi mencionado nos primeiros dias.

Mas então, num certo feriado, quando a família estava reunida almoçando, Isaac perguntou distraidamente:

- Então, como anda nosso professor? Por que não o tenho visto ultimamente? Ele já retornou à sua vila?

Sua pergunta não foi dirigida a ninguém em particular, mas seu olhar se fixou em Marússia, como se suas palavras fossem intencionadas secretamente a ela.

O rosto de Marússia ficou ligeiramente vermelho e ela abaixou os olhos para não encontrar o olhar de Liuba, sentada na sua frente. Liuba manteve total tranquilidade e não pareceu notar, à primeira vista, a pergunta de Isaac. Um pouco depois Marússia respondeu com uma indiferença fingida:

- O professor? Ainda não foi, mas já não visita mais a nossa casa - e olhou diretamente ao seu noivo, que expressou uma visível satisfação.

- E o que aconteceu? Continuou a perguntar Isaac com um tipo de astúcia zombeteira, se fazendo de desentendido - por que parou de vir?

De repente Liuba se dirigiu a ele em voz baixa:

- Porque eu pedi.

- Você?... - dessa vez o rosto de Isaac expressou uma surpresa não dissimulada. Ele se virou para o lado de Marússia e perguntou: - é isso mesmo?

Marusia encolheu os ombros e se calou. Ela não sabia nada sobre a última conversa entre Liuba e Zelikowicz, e não entendeu qual o sentido do seu anúncio repentino.

Quando Isaac e Marússia ficaram sozinhos no final da tarde, ele a perguntou entre outras coisas:

- Falando nisso: o que você achou da resposta de Liuba durante o almoço? O que foi aquilo? Será que realmente havia algo entre ela e o professor? Se sim, então você vê que eu estava certo com as minhas advertências. Mas por que ela resolveu nos contar mentiras?

- Ficou ofendida por orgulho, aparentemente. No final das contas ela sabe que eu agi pelo seu bem...mas ela tem essa vontade de provar que foi ela mesma quem o afastou, e não por obrigação...

- Bom, tudo bem. Ela ainda terá tempo de se consolar...

Essa noite, por algum motivo, Marússia teve dificuldade em sentar-se com seu noivo. Ela o deixou e foi para a varanda que estava vazia. Havia apenas um feixe de luz a projetar-se no chão, vindo da janela de Liuba.

Ao anoitecer começou a chover, e agora o jardim se encheu de seu ruído silencioso e monótono, a lembrar que os dias de outono já estavam chegando. Em noites como essa é gostoso sentar sozinho e se entregar às fantasias e às lembranças.

No começo os pensamentos de Marússia se focaram em sua irmã e no assunto da sua conversa anterior com o Isaac.

- Sem arrependimentos - falou consigo mesma - ninguém saiu perdendo. E Liuba, não sofrerá à toa e partirá seu coração por fantasias...

Mas em seguida sentiu uma pontada no coração, e, inevitavelmente, surgiu-lhe um pensamento:

- O que ela teria dito se alguém a tivesse “salvado” de “sofrer à toa” na sua vez, dois anos antes?

Dois anos atrás, muito antes de conhecer o Isaac, houve um período em sua vida do qual ela não contou em detalhes nem mesmo a ele. Porém, sempre que a conversa chegava nesse assunto, ambos não conseguiam manter a calma: ela - por uma vergonha oculta, e ele - por um ciúme impotente, extemporâneo, posterior ao acontecido. Até mesmo para a mãe de Marússia era difícil a lembrança dessa época. Porque então, ela, uma judia *kosher* e filha de pais ricos, mudou seus hábitos e começou a passar suas noites dançando e passeando com dois moços cristãos que ela não conhecia anteriormente, frequentou aulas noturnas de dança, e de lá a

acompanhavam de volta para casa, e foram com ela a bailes. E os moços eram dois desocupados: um era filho de um comerciante rico, que não sabia o que fazer com o seu dinheiro, um frequentador assíduo das corridas de cavalos e de todos os restaurantes e teatros de verão fora da cidade; e o segundo - um militar afastado do cargo que ingressou como estudante em uma das Escolas de Tecnologia, mas passava os dias em completa ociosidade atrás do amigo rico, que era bem mais ignorante que ele. Ambos a cortejavam. O filho do lojista em sua inocência estava disposto a colocar a si mesmo e sua propriedade aos pés dela, embora ela fosse judia. E o outro gracejava com ela... Talvez seu raciocínio lhe dissesse que, com a filha de pais decentes, deve-se ter um pouco de cuidado, e com uma filha judia - ainda mais. Justo ele, o cativante, o brincalhão, tão adorável apesar de sua total ociosidade - tocou seu coração e lhe causou muita frustração e tristeza. Porque ele não queria, de forma alguma, ir além da brincadeira em sua atitude em relação a ela e sempre tentava dar a dianteira para seu amigo. Ela ainda lembrava de tudo como se tivesse sido ontem... Nas belas noites de verão, o filho do comerciante encomendava o "Andrei" com uma bela carruagem puxada por um cavalo nobre e eles saíam da cidade. E na volta, eles, às vezes, paravam em algum bom restaurante, em uma sala especial, e seus admiradores a serviam com uma variedade de iguarias, frutas e até vinhos. E um olhava para ela como um cão leal e não se atrevia a tocá-la, e o outro - não queria...

Uma vez, quando o filho do comerciante ficou doente e não podia sair de casa, ela falou com o amigo para se encontrarem e passearem os dois sem ele... e dessa única vez, na qual ela teria a chance de conversar com ele a sério, se tomasse coragem em seu coração - dessa vez ele a enganou e não cumpriu sua promessa. Ela ficou sentada no meio da grande praça ensolarada e o esperou à toa, e depois caminhou de volta entre canteiros de flores e casais a passear, com a sensação de que todos olhavam para ela e sabiam o seu amargo segredo, o segredo da sua vergonha...

E muitos dias e noites ela passou em secreta agonia e perda de fôlego, em vão, pelo homem que não merecia isso...

Mas o estranho é que: retomando, agora, todo aquele período em sua memória, ela sentia pena de algo, ela não teria evitado voltar a percorrer todo aquele caminho de novo, porque havia

algo nele - embora ardesse de tão humilhante e insultuoso - ainda assim tão perto da felicidade...

Sim. Agora ela estava na escura varanda da sua casa ouvindo o incessante barulho da chuva, como se um peso tivesse sido colocado em seu coração, qual das duas é feliz: Liuba, que de certo estava sofrendo agora a angústia da separação do seu primeiro amor, ou ela, a noiva “íntegra”, que logo entraria em casa e se sentaria com o seu noivo? E de onde vinha aquele sentimento estranho no seu coração, como se roubasse algo dela injustamente?

## 6

Em uma noite chuvosa de outono duas almas estavam acordadas até tarde: Liuba e Zelikowicz. Este voltou para casa do encontro com a jovem que cortejava: Olga, uma moça rica que se preparava para se tornar atriz de teatro. Ele teve que implorar muito para que ela aceitasse se encontrar com ele em segredo. O local do encontro foi o grande jardim em volta da casa dos pais dela. De última hora a chuva quase acabou com as suas esperanças, mas Olga encontrou um jeito: levou-o a uma pequena cabana no final do jardim, onde eles se sentaram por um longo tempo.

O sabor dos seus beijos ainda estavam em seus lábios, e a lembrança dos seus seios maravilhosos o encheu de um tremor de desejo. Ele sabia que no fundo do seu coração Olga o desprezava e não o apreciava em nada, no entanto, ele não conseguia resistir a esses pensamentos de volúpia e superar essa excitada alegria que despontava nele. Ele se obrigou, com todas as forças, a não pensar no dia em que Olga se cansaria completamente dele e o enxotaria de forma mais ou menos educada - e esse dia não estava longe...

Ele acendeu a vela e sentou-se à mesa, e então reparou nos dois livros apoiados no centro: um livro de poemas, velho e usado, de Simon Frug, e *Folhetins*, de Jabotinsky, em uma bela capa. Esses eram livros dele que Liuba havia enviado através de um de seus irmãos, como o prometera. Ele não teve a chance de ver o mensageiro porque não estava em casa nessa hora, apenas encontrou os livros depois sobre a mesa.

Sem perceber começou a folhear os livros e de repente percebeu uma intenção oculta em seu coração: ele procurava entre as folhas se Liuba esquecera ali algum pedaço de papel - talvez de

propósito - algum bilhete para ele...mas logo afastou os livros e se levantou da cadeira em um movimento irritado. Liuba e bilhetes enviados em segredo - não combinavam de modo algum!

- Que besteira! Irritou-se e ficou ressentido em seu coração - por que lhe dei ouvidos? Não devia ter dado atenção ao que disse e nem ter levado em consideração as desculpas da bela “noiva”. Uma bobagem romântica da parte desta, e uma tolice sem importância da parte da outra...de certo se assustou, caso eu atrapalhasse a calma no coração da jovem e causasse uma revolução na sua vida. Devia ter continuado a encontrá-la a todo custo, desenvolvido essa alma delicada e preciosa. E também se...

Parou sua perambulação pelo quarto estreito, como quem se esbarrasse em um novo pensamento, e o encarou com um olhar concentrado.

- E também se... Quando Liuba se apaixonar pelo seu primeiro amor - quanta afeição, quanta pureza e fé absoluta e nobre ela trará para o seu escolhido!

Ele voltou a sentar-se à mesa, pegou a caneta e começou a escrever apressadamente no primeiro pedaço de papel que encontrou sob seu braço:

*Querida Liuba!*

*Eu entendi tudo...*

E jogou a caneta novamente sobre a mesa. Não. Ele não podia escrevê-la. Havia uma responsabilidade muito grande aí, responsabilidade da qual ele não era capaz. Sentar-se com a Liuba ocultos em uma noite chuvosa, em uma cabana abandonada, abraçá-la e beijá-la sem parar, os seus lábios, os seus olhos e seus cabelos cheirosos (aliás: será que ela também tinha, como a Olga, cabelos perfumados e macios como seda, de tanto cuidar deles?) - Isso era inevitável. Apesar do seu coração se encolher ao se lembrar da primeira, um gosto amargo de insatisfação se misturava com as lembranças do desejo ligados à segunda...para essa ele era muito inocente, para a outra - impuro...

Com um suspiro de cansaço se levantou e começou a se despir para entrar na cama.

Ao mesmo tempo apagou-se a vela que iluminava, com sua luz fraca, o quarto de Liuba.

Ela também havia acabado de deixar seu lugar à mesa e começou a despir-se em silêncio, no escuro. A carta que acabara de escrever estava em cima da mesa e Liuba recitou as entusiasmadas palavras de confissão que ficaram gravadas em sua memória:

*Acredite em mim: não é por vaidade que eu digo que foi fácil para o meu coração e que eu não estou sofrendo pela minha “vítima”. Ver o rosto do David (assim eu o chamo nas minhas lembranças sagradas), conversar com ele frente a frente, passar o tempo com ele - todas essas coisas são como nada para mim. Eu renuncio delas sem pesar... não, não sem pesar e uma tristeza profunda no coração, mas sem ressentimentos desnecessários. Porque tudo que o meu coração descobriu, as forças que em mim despertou e o caminho que me mostrou - essas são as únicas coisas importantes e preciosas. Receber dele um bom livro para ler sempre foi mais importante e agradável para mim que apertar a sua mão...*

*...Hoje o Isaac me perguntou sobre ele, com o seu constante tom de zombaria e usando o apelido de sempre: “o professor”. Eu achava que ele tinha mais compreensão; mas não importa. Eu estou feliz e orgulhosa de ter dito a verdade: eu disse que o afastei de nossa casa por vontade própria. E essa é a verdade. O que eu tenho, eles nunca poderão tirar de mim: meu coração conheceu a si próprio e encontrou o seu caminho - e eu tenho um guia...*

Liuba fechou os olhos e sentiu a doce teia do sono a envolvendo.

*Adeus, David! Boa Noite! Bom Descanso!*

Um leve ruído chegou aos seus ouvidos através da parede: Marússia se virava de um lado para o outro na sua cama, pois não conseguia pegar no sono.

**5684**

**(1923-24)**